

PRA ONDE VAI A PRODUÇÃO DE LEITE?

Sebastião Teixeira Gomes¹

Nos últimos cinco anos, a economia leiteira brasileira sofreu transformações nunca vistas em épocas anteriores. Do produtor ao consumidor, toda a cadeia se transformou, em razão da maior concorrência, causada pela liberação dos preços do mercado doméstico e pela abertura do comércio internacional.

Diante de transformações tão profundas, uma pergunta recorrente é a seguinte: pra onde vai a produção de leite do Brasil? ou, em outras palavras, quais são as perspectivas da produção de leite, nessa nova realidade? Essas questões serão examinadas, a seguir.

Na análise do futuro da produção de leite do País, uma hipótese admissível é que ela seguirá os mesmos caminhos já trilhados por países que hoje se encontram com a pecuária mais desenvolvida que a do Brasil. Então, basta examinar aqueles caminhos para prever, com boa margem de segurança, o que também deverá acontecer aqui.

Nos países com a pecuária de leite mais evoluída, uma transformação importante foi uma significativa redução do número de produtores. Nos Estados Unidos, em 1950, existiam 2 milhões de produtores, hoje existem apenas 106 mil. Na Província de Santa Fé (principal região produtora de leite da Argentina) existiam, em 1975, 15.000 empresas produzindo leite, hoje, apenas 5.900.

A produção média, do Brasil, está estimada em 70 litros/dia/fazenda que comercializa leite e derivados. Admitindo, por hipótese, 400 litros/dia um mínimo aceitável para que a atividade seja um bom negócio, necessitaríamos de apenas 18% do número de produtores para conseguir a mesma produção. Se a hipótese de ponto mínimo for de 500 litros/dia, necessitaríamos de 14% do número de produtores. São dados alarmantes, que podem até não se concretizarem em termos de números exatos, mas, com certeza, irão acontecer quanto a tendência.

¹ Professor da Universidade Federal de Viçosa e Consultor da EMBRAPA. Escrito em 04.06.96.

Outro aspecto, também importante, que vem acontecendo na pecuária dos principais países diz respeito à redução do número de vacas ordenhadas e o aumento da produtividade. No período de 1990 a 95, nos EUA, enquanto o número de vacas ordenhadas reduziu 1,05% ao ano, a produtividade aumentou 2,37% ao ano (passou de 6.705 para 7.537 litros/vaca ordenhada/ano). Na França, reduziu 3,47% ao ano o número de vacas ordenhadas e aumentou 2,72% ao ano a produtividade. Tendências semelhantes acontecem em outros países como Canadá e Alemanha.

Ainda que a pecuária leiteira do Brasil tenha melhorado nos últimos anos, de modo significativo, os índices de produtividade; estamos longe de alcançar o potencial já demonstrado pela pesquisa para as condições brasileiras. Para não ampliarem as diferenças existentes entre o Brasil e os outros países, há necessidade de crescer a produtividade nacional a taxas mais elevadas que a atual; mesmo porque os outros países continuam crescendo seus índices de produtividade. Isso é preocupante, visto que a realidade atual é de economia aberta ao mercado internacional.

Em recente diagnóstico da pecuária leiteira do Estado de Minas Gerais, elaborado pelo SEBRAE-Minas/FAEMG, alguns pontos podem ser destacados para facilitar a passagem do estágio atual da pecuária nacional, para uma posição semelhante a de países mais evoluídos.

O primeiro ponto diz respeito ao nível de conhecimento do produtor em questões relacionadas à produção de leite. Uma amostra de 1.000 produtores foi submetida a um questionário com perguntas sobre técnicas de produção de leite. O resultado foi apenas razoável. Para um total de 100 pontos possíveis (se acertassem a todas as perguntas) os produtores obtiveram apenas 57 pontos. Considerando que as perguntas eram de pequeno nível de dificuldade e referiam-se ao dia-a-dia do produtor, os resultados retratam uma realidade de deficiência no conhecimento do produtor.

O segundo ponto que merece destaque refere-se aos treinamentos realizados. Embora a produção de leite, em sua maioria, passe de geração a geração, muito pouco se tem feito em termos de treinar o filho do produtor. Esse é um investimento que, com certeza, dá retorno. Os poucos que permanecerão na atividade leiteira têm que ser altamente capacitados para enfrentar a concorrência crescente do mercado internacional.

O terceiro ponto de destaque é a mudança geográfica da produção de leite para o cerrado, que em Minas corresponde a região Alto Paranaíba/Triângulo Mineiro. Essa mudança vai ao encontro de produzir leite com menor custo de produção. A alta produção de grãos (milho e soja) dessa região contribui para reduzir o custo de produção de leite. Ao lado disso, o desenvolvimento da indústria de laticínios criou facilidades, de modo a permitir o alargamento das bacias leiteiras.

O quarto e último ponto a ser destacado diz respeito à pequena margem de ganho do produtor, por litro de leite. Isso faz com que a atividade só seja atraente se conduzida com elevado volume de produção. Os dados do diagnóstico da pecuária mineira confirmam essa afirmativa. Os 1.000 produtores entrevistados foram divididos em três grupos: até 50 litros de leite por dia, de 51 a 250 litros/dia e acima de 250 litros/dia. Calculada a margem líquida, (renda bruta proveniente da venda de leite e de animais, menos os custos operacionais) os resultados foram os seguintes: R\$ 61,00/mês, R\$ 298,00/mês e R\$ 1.881,00/mês, respectivamente dos três grupos de produtores. A margem líquida média de todos os entrevistados é de apenas R\$ 198,00/mês.

O sucesso do negócio leite depende da combinação entre quantidade produzida e produtividade. É ilusório pensar que apenas produtividade resolve o problema. Muitos já fizeram isso (aumentaram a produtividade dos fatores de produção) e continuam reclamando da pouca rentabilidade da produção de leite. Se insistirem nesta tecla, continuarão reclamando até desistirem da atividade, como muitos já o fizeram em outros países. Essa é uma dura lição que, quem não aprender não sobreviverá.